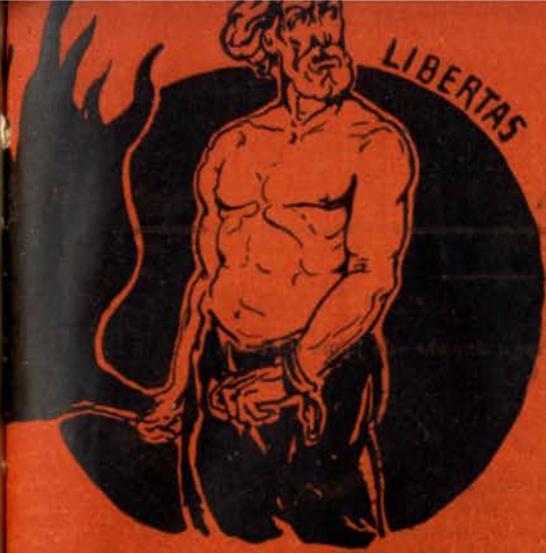


Porto, 5 de M
de 1907



Nova Silva

REVISTA ILUSTRADA sob a direcção de Leonário Coimbra, Jaime Cortesão e Alvaro

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO - Rua de Santa Catarina, 438

OFICINA DE GRAVURA - Cristiano & Nunes.

EDITOR - Carlos

GRAFIA - Imprensa Civilização - Rua do Passos Manuel, 215.

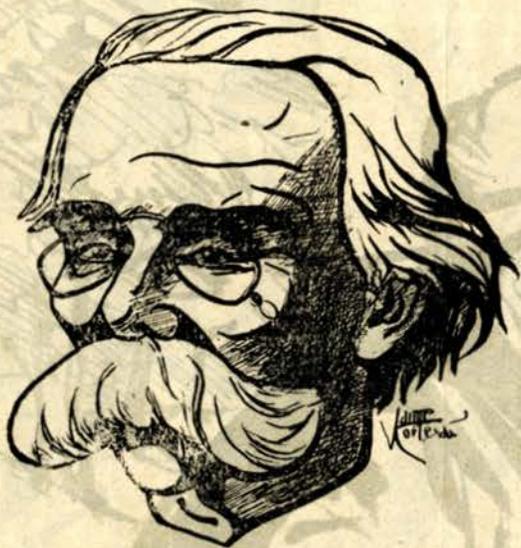
NOVOS TEMPOS



...A Primavera volta. A miséria é que não muda!

SUMÁRIO

- I—Novos Tempos—*desenho*—de Cristiano de Carvalho.
 II—Camilo Castelo Branco—*apreciação*—de Teófilo Braga; *desenho*—de Jaime Cortesão.
 III—O despotismo na família—por Leonardo Coimbra.
 IV—Canção da carne—*poesia*—de Jaime Cortesão.
 V—A Escola Livre—por Alvaro Pinto.
 VI—A Canalha—*poesia*—de J. Cirne.
 VII—Universidade de Coimbra.
 VIII—Quadros do século XX—*poesia*—de António Ribeiro Seixas.
 IX—Por Ferrer e Nakens.
 X—Miserável—*poesia*—de Daniel Ferreira da Silva.
 XI—Vulgarização doutrinária—Palavras dum rebelde—por P. Kropotkine.
 XII—Bibliografia—por Leonardo Coimbra.
 XIII—Vária.
 XIV—Caricaturas—de Verjilio Ferreira.
 XV—Desenho—de José de Meira.



Camilo Castelo Branco

Na literatura portuguesa contemporânea, Camilo Castelo Branco é a mais poderosa organização estética, exercida em uma prolongada e continua idealização, reflectindo na sua obra todo o estado moral de uma época perturbada por falta de uma doutrina.

. Há em Camilo Castelo Branco dois escritores, que se destacam claramente na sua obra: o idealizador sentimental, religioso, afectivo, e o caricaturista cheio de ironias, comprazendo-se em representar as aberrações visíveis da natureza humana.

Teófilo Braga.

O DESPOTISMO NA FAMÍLIA

A família é a molécula social. Imperfeita como a actual organização da sociedade é perfectível através os tempos. Os espiritos conservadores e ronceiros, encerrados nos acanhados limites duma actualidade efémera e ignorante, vêem as organizações presentes como fórmulas absolutas e imutáveis, independentes do tempo e da evolução. O espirito indagador do filósofo procura o conjunto de circunstâncias que determina um facto, marca uma época, descobre um mundo, escreve um poema.

Assim as organizações actuais são apenas transitorios elos de ininterrupta linha da evolução.

O casamento monogâmico é o princípio basilar da família moderna. A sua falsidade resulta clara e patente do afan com que as nações civilizadas decretam o divórcio. O divórcio é a emenda do casamento. O casamento é, pois, um erro. A família é a miniatura da Sociedade moderna com todo o seu despotismo sincero e com toda a sua hipócrita liberdade.

Há duas classes políticas antagonicas; governante e governada—o marido ditador, a mulher escrava.

A Sociedade é francamente tirânica, quando, na ignorância do maquinismo volitivo, descreve, pela Lei, o campo da actividade individual consentida.

O homem é francamente ditador, quando traça o plano da vida doméstica, desprezadas completamente as modalidades exclusivas da psicologia feminina. É' êle quem tudo manda, ela quem sempre obedece. As leis domésticas são ainda mais opressivas que as leis sociais, já pelo seu carácter de sentenças indiscutíveis e sem recurso, já pela ausência da ideia da opinião pública, consciência vijilante da espécie, que tão grande poder inibitório exerce nos arranjos volitivos solicitados por poderosos factores egoístas.

As classes governantes possuem a vida, o estômago, o cérebro e o coração dos governados; mas dão-lhes a lisonjeira alegria de lhes pedir o voto, alcunhando-os de livres, soberanos, verdadeiramente autores de todos os seus males.

As mulheres, impossibilitadas absolutamente de o fazer, teem a doce ilusão de constituir a família, nomear o dono por uma escolha secsual livre. O paralelismo é completo. A autoridade tem direito de vida e morte sobre os súbditos de cujos actos se constitui omnisciente juiz. O homem é juiz omnisciente da vida secsual feminina e, em respeito a êsses juízos, acreditam-lhe os códigos direito de vida e morte sobre a mulher.

Nunca a mulher foi mais escravizada que hoje.

Solteira deve conservar-se virgem. Casada, por uma escolha com as probabilidades de acerto de qualquer tentativa casual, deve ao marido o sentido dum sorriso, o motivo dum sobressalto; e, se o acaso a uniu a um homem que não pode amar, dois únicos trágicos destinos a esperam:

O sacrificio inteiro da sua vida, prostituindo-se a toda a hora com as caricias do marido, que odeia; ou o desprezo mezquinho, aviltado e aviltante da sociedade, se, fujindo do impuro leito conjugal, vai lançar-se nos braços dum outro homem, que o seu espirito sonha, o seu coração ama, o seu corpo deseja.

Quando não seja vendida pela família a qualquer devasso d'ossos ca-

riados e cofre recheado, á cubiça mórbida de qualquer libertino, á exterioridade berrante de qualquer janota com as finanças maltratadas e a alma cheia de cinismo e miséria, como escolherá marido? Solicitada pelos direitos imprescritiveis da espécie, no terror de sentir-se aniquilada para toda a sua missão natural, na inquietação dolorosa duma situação falsa e desolada, na expectativa duma vida solitária e estéril, sem amparo e sem arrimo, quantas vezes sem pão e sem afecto garantidos, e como procurar serenamente as qualidades que possam dar-lhe êsse conjunto de sensações, produtoras do estado psíquico feliz que é o amor?

A artificiosa ilusão do sufrágio mascara a tirania; a finjida liberdade de escolha secsual convence, de livremente unidas, as mulheres, absolutamente sem defesa perante o menos enjehoso galanteador, o menos habilidoso farçante.

Solteira a mulher deve conservar a virjindade. Para Mantegazza a virjem é o *anjo incipiente*, por nela começar a diferenciação de dois órgãos sem necessaria dependência fisiológica.

Para nós a beleza evocada por êsse nome refere se apenas ao injénuo abandôno, á exajerada sensibilidade dessa época ansiosa e tímida da vida da mulher. A mulher destrona a virjem do céu da poesia balbuciante e eleva-a ao altar da fecundidade, transformada em mãe.

A idealização da maternidade virjinal é a mais aberrante criação dos delírios místicos da humanidade.

Concepção transcendente, vagamente perceptível pelo sincretismo indisciplinado, que faz do parto dum homem a aurora duma Ideia.

A virjindade é natural no período da secsualidade encaracterizada, é o mais desnaturado suplicio, a mais degradante mentira, quando, na puberdade, a Mulher sente a imensidade de força e vida que possui, o impulso criador, a ansia de se espalhar em flôres de carne, de lançar raízes por essa terra fora penetrando mais intimamente a vida, esparjindo alma, se-

meando formas, construindo pensamento.

A evolução da família é determinada pela evolução da propriedade (Engels). Conseqüentemente, na apreciação espontânea inconsciente, as agressões a uma forma de família são reputadas imorais pelos desarranjos causados no maquinismo económico contemporâneo.

Quando, como hoje, a organização económica é insustentável por iníqua, empírica, improdutiva, condenada pela Ciência e pela Moral; a família é em dissolução e uma nova forma se elabora correlativa com a revolução económica a fazer. O casamento pelo divórcio, o celibato pela prostituição proclamam vigorosamente o advento dessa reforma da família.

(Continua).

Leonardo Coimbra.

O amor é uma força social; O trabalho um ponto de apoio.

Romero Quinones.

INSTANTANEOS



Ribeiro Seixas

CANÇÃO DA CARNE

*Noiva bárbara e livre, óh! minha amante!
vem para mim num gesto que descubra
nervosíssimo, o corpo de bacante.
Abre-me a boca rubra!*

*Torcidas pelo vento da loucura,
desprende em ondas as nocturnas tranças
e ergue os seios em riste, na postura
percuciente e rijida das lanças.*

*Assim. Una-se a minha carne á tua.
Mas doidamente, as tranças sobre a testa,
vem desgrenhada, hilariante e nua
como as dríades bravas da floresta.*

*E madeixas no ar—azas de treva,
ou torcendo-se—espiras de serpente,
em cada curva que arredonda e eleva
os encontros da tua carne quente,*

*enlaça-me, demente de luxúria,
beija-me e morde em caricias de fera,
nervosismos de garra, iguais á fúria
enraivada do cio da pantera.*

*Já no teu corpo, eu sinto que se torna,
incendida e rubente a polpa nvea,
que a torrente do sangue se lhe entorna
abrasada num facho de lascívia.*

*Vejo num frenesim franzir, crispár-te
as curvas formas, um tremor violento,
como se fossem dobras de estandarte
batidas pelo vento!*

*Ei-lo convulso, rábido, possesso
de halucinantes fúrias libertinas,
a pular de alvoroço o seio opresso
e a baterem as azas das narinas.*

*Na taça do licor que me embebeda,
na tua boca, alteia-se em centelhas,
quási a entornar-se em doida labareda,
o punch sensual das cor's vermelhas.*

*Vem. Do fogo voraz em que me abrasas,
do veneno carnal que em mim destilas,
também tenho na face rubras brasas
e flechas de desejo nas pupilas.*

*Depressa! Venha a taça embriagante,
dá-me o teu corpo numa fúria louca,
num delírio feroz e estrebuxante
e bebamos agora boca a boca*

*esse licor que se ergue numa chama,
vinho de beijos capitoso e forte,
lava de seio ardente de quem ama,
numa embriaguez de morte!*

Pôrto. Março de 1906.

Jaime Zuzarte Cortesão.

TIPO DOS CAFÉS



DO «SUISSO»

A ESCOLA LIVRE

«A tristeza que sinto quando penso no ensino» — dizia em 1904 um professor ao inaugurar o ano lectivo da Universidade portuguesa.

Nessas palavras cheias de verdade e convicção se pode sintetizar a alanceante dor que o espírito humano sofre após um rudimentar inquérito sobre o modo por que o instruem.

O nosso ensino, moldado ainda nas retrogradantes feições do passado, juncado das mais infames veniâgas e vergonhosamente esculpido sobre falsas crenças e falsas ideias, alimenta, no seu espiritualizado seio a mais intensa orijem da dissolução intelectual.

O ensino que devia ser a sempiterna torrente duma educação conscienciosa e livre não passa ao presente dum requinte extremo de affectação e autoritarismo.

Nas suas garras se enleia o sentimento querido da igualdade e se ensangüenta toda a terna affectividade dos seres que surjem para a luta e para a vida.

Ai se vão chocar, numa inflamada ánsia de perfectibilidade, a pura imagem da razão e o selvajem instinto dum dinamismo superior e imperativo.

O homem-professor veste-se de intanjíveis privilégios fulminando a sua primitiva essência — a essência humana, com uma barbara concepção da sua missão didáctica.

Do professor, afasta o homem, ridicularizando-o, abatendo-lhe todos os seus belos sentimentos de generosidade, espesinhando-lhe toda a grandiosidade de sua alma e toda a harmonia de suas aspirações sonhadoras, para apenas lhe deixar, tenebrosa, hiante, cadavérica, a sinistra máscara dum Juiz enfatuado e tiranisador.

Não importa que a juventude dêsse ex-homem brilhe ainda sob o fulgor radiante de felizes quimeras e amorosos rasgos de humanitarismo. Não importa que esse ex-homem tenha sido um veemente apóstolo da revolução educativa.

A sua nova qualidade tudo expulsou. Vai entrar numa fase distinta. De escravizado passa a escravizador. Antigos despeitos requerem-lhe um desfôrço. Não vacila. Consente

na absorção pelas tradições reaccionárias e de boa mente faz abdicar todos os impulsos da sua antiga consciência.

Simultaneamente, o homem-aluno, que assistiu a essa cénica mutação de caracteres num mesmo personagem, sente que em suas faculdades se origina e se incendeia o germe libertador da verdade serena e imutável. Formula-se à revolta, arquitecta-se a demolição de toda a criminalidade social, e clama-se ardentemente pela renovação ponderada e justiceira da defectível personalidade moderna.

E nêsse glorioso anseio de transformação refulge como condição basilar e orgânica, o ensino depurado e livre.

Mercê da sua influencia, as retrogradadas manifestações dos primeiros passos da vida dissolver-se-hão para sempre.

O caminho da justiça, delinear-se-há na órbita da sua acção, a escola deixará de ser um empedernido cárcere e a inteliçência humana jamais verá limitado o seu campo expansivo.

* * *

Foi, certamente, um similar conjunto de ideias que sujeriu a Campos Lima, o brilhante propagandista revolucionário, a criação da sua —«Escola Livre».

A' semelhança de Sebastien Faure, prodigalizando na *Ruche* o ensinamento da verdade, Campos Lima, propõe-se lançar entre nós os alicerces duma nova sociedade, mais forte e mais perfeita.

Para um tal fim dirige-se intemperatamente á primacial causa dêsse renascimento.

Propõe-se cultivar o espirito humano desde o seu desabrochar, patenteando-lhe com a maxima sinceridade todas as condições da vida, e educando-o sólidamente nos seus direitos de independência e liberdade.

O programa que segue é sufficiente garantia de tais intentos. Basta tam sómente que em todos os cora-

ções se alevante reveladora a sublime força duma solidariedade completa. Basta que todos saibamos empenhar o alento da nossa existencia nessa perfeita obra de intensa organização social.

Alvaro Pinto.

Ensino Integral—Obra de educação e solidariedade

Com o fim de pôr em prática a ideia da fundação duma escola de educação integral segundo os processos modernos de ensino, acaba de constituir-se em Coimbra o Grupo da Escola Livre, o qual tomará o encargo não só de tornar efectiva a obra que lhe deu origem, como de a manter e prosseguir depois de iniciada.

E' este o plano da «Escola Livre»:

Ideias geraes—A Escola Livre, que se destina á educação de crianças pobres, procurará evitar quanto possível os defeitos do processo por que o ensino gratuito é ministrado em Portugal pelo Estado. As crianças admitidas á Escola Livre, ficarão inteiramente a cargo do grupo que se propõe criá-la, recebendo gratuitamente não só o ensino como a alimentação, vestuário e alojamento, procurando-se sempre, por cuidados que as familias pobres com elas não poderiam ter, evitar-se o desequilíbrio entre o seu desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento físico. Todas as crianças, além duma instrução geral, aprenderão pelo menos um dos officios que mais estejam de harmonia com as suas aptidões e robustez. As pessoas encarregadas do ensino, quer literário quer prático, não exercerão sobre as crianças nenhuma pressão de autoridade, sendo completamente repudiados os castigos corporais e qualquer outro género de punição. Tanto nas aulas como nas oficinas de aprendizagem adoptar-se-há o sistema moderno de ensino, despertando nas próprias crianças o desejo de aprender por si, não impondo nunca lições ou tarefas determinadas e esperando sempre que o próprio espirito de curiosidade as leve a interrogar o professor, tornando assim agradável e proveitosa cada lição. Entre mestres e discipulos procurará sempre manter-se a mais franca cordealidade, que a vida em comum e a igualdade por que todas crianças serão tratadas estenderá ás relações de camaradagem entre elas, formando todo o conjunto uma verdadeira familia. Emfim a escola livre, exforçar-se-há por que cada criança fique com um conhecimento o mais completo de si própria e da vida em geral, habilitando-a a procurar os meios indispensáveis á conservação da existencia; despertará em todos os sentimentos de independência e liberdade; desenvolverá entre elas o principio do auxilio mutuo, base de toda a solidariedade; e, não tendo a pretensão de formar sábios, dar-se-há por satisfeita e cumpridora da sua missão se conseguir formar homens de carácter.

Realização prática—A escola livre será instalada no campo e entre as indústrias que procurará desenvolver no seu meio dedicar-se-há principalmente á agricultura.

O número de crianças admitidas dependerá da receita própria e da advinda de subscrição voluntária. A idade da admissão é de seis a dez annos. Fundada no principio da co-educação dos sexos a Escola Livre será para crianças do sexo masculino e do sexo feminino.

Para as despesas da sustentação o grupo conta principalmente com o seu trabalho pessoal, não recusando porém todo e qualquer auxilio estranho, pois dessa forma poderá alargar o número das crianças e melhorar as condições materiais da escola. E' preciso porém ocorrer no principio a despesas maiores para que o grupo se não encontra presentemente provido dos recursos suficientes: é necessario fazer a adjudicação do terreno e do edificio próprio e proceder aos trabalhos de instalação, o que demanda um capital relativamente avultado. O grupo propõe pois os seguintes meios para o conseguimento desse capital a todas as pessoas que se interessarem pela fundação da escola livre:

Subscrição aberta nas colunas dos jornais a que agrade este empreendimento; subscrição em quotizações mensais voluntárias, com o limite minimo de 100 réis, cobradas directamente pelo grupo e que poderão manter-se mesmo depois de instalada a escola, se os subscriptores quiserem continuar colaborando nesta obra de educação; empréstimo contraído por acções, sem juro e reembolsaveis quando as condições económicas da escola o permitam.

Se o acolhimento á ideia da criação da escola livre fôr como é de esperar-se, o grupo conta poder dentro dum anno fazer a inauguração do seu primeiro curso.

Coimbra, 17 de outubro de 1906.

Pe'o grupo,
Campos Lima.

NOTA.—Toda a correspondência e importâncias devem ser dirigidas a Campos Lima, quintanista de direito—Palácios Confusos n.º 8—Coimbra. Será publicada todos os meses a nota de receita, depositando-se a quantia recebida em cada mes num estabelecimento bancário.



Subscrição aberta pela «Nova Silva» a favor da «Escola Livre»:

Leonardo Coimbra	500
Jaime Cortesão	500
Alvaro Pinto	500
Verjílio Ferreira	200
A. B.	200

TIPOS DAS RUAS



O «Correia de Barros»

A Canalha

Ao Snr. Dr. António José de Almeida

O Povo—o sempiterno Lacoonte,
Debalde luta e geme frente a frente
Contra a serpe medonha da miséria.—
—E' negra a sua sorte, o seu futuro,
Será entregue aos vermes do monturo,
Nos festins derradeiros da matéria!

O Povo—o sempiterno Nazareno,
N'uma esponja de fel suga o veneno
E morre numa cruz—a tirania!
—Não é eterno o seu suplicio... não!
O Cristo tambem teve uma ascensão
Ao céu da humanidade— o eterno dia!

Sugai-lhe o sangue, ó serpes da realeza!
E' fartar, é fartar, que é lauta a mesa;
Tendes bem onde encher a vossa pança...
Mas olhai... não escreva *ignota mão*
Um nome, uma só data, uma nação:
Hugo, Noventa e Tres e a bela França!

J. Cirne.

Universidade de Coimbra

Os ultimos acontecimentos de Coimbra fazem mais uma vez ressaltar flagrantemente o papel degradante que a sua Universidade representa na nossa sociedade.

Com efeito, dentre os vários factores dissolventes d'esta amolecida nacionalidade—o fado, as môscas, os compadres, o vinho e o calor—a vence-los em importancia perniciosamente de contar á Universidade, que pela ríjida e dogmática orientação do seu ensino tem sido o berço fétido, onde tem criado coiros o bacharel português tipo de charlatão grosseiro, enfatuado e impertinente, verborreico e desmoralizado, espécie de fadista das ciencias, sem consciencia e sem pudor.

E' este tipo de homem com prosápias de conquistador, veleidades de literato, fura-vidas e *bon vivant* que pela sua falta de convicções tem constituido as fileiras dos partidos vijen-

tes em Portugal e feito girar assim a roda do constitucionalismo.

Vergóntea genética do lente coimbrão—personalização do professor dogmático—homem rochedo sem sorrisos e sem ideias—ele deve e tem de desaparecer.

E' sôbre tudo a faculdade de direito, que tem contribuído para o crescimento d'esta praga assoladora.

E' a faculdade dos Calistos d'espera que nunca riram, dos Moreiras hipocritas, dos Vilelas irritantes, dos Dias fradescos e dos Assises enfim

Porisso o movimento de revolta em que a Academia de Coimbra se ergue é justo e purificador.

Maldita seja essa Universidade em que se quebram tantas energias e se disvirtuam tantas intenções!

Que seja arrasada, incendiada, demolida pedra a pedra, e sobre as odiadas ruínas dessa Bastilha dos cérebros que se erga, como supremo escárneo, a leijenda que o povo de Paris escreveu sobre as ruínas da outra:—«Aqui dança-se».

QUADROS DO SÉCULO XX

A MANUEL BRAVO

Chorava e soluçava a pobre criatura,
Quando a encontrei sentada, á noite, num portal:
De Vénus era o rosto, as mãos de neve pura,
E tinha o olhar bondoso e simples, virjinal!...

—Mulher: porque maldizes tanto a sorte dura?
—Vivo, senhor, com fome... e a fome é um grande mal...
—Não tens quem ponha termo a tanta desventura?
E como libertando a sua dor sem igual:

—«Talvez que minha mãe se lembre neste instante...
Dos beijos que me deu, das falas que me ouviu...
Talvez que minha mãe... talvez... se lembre ainda...

Não conheci meu pae... dizem que está distante...
Eu era pequenita...» E um astro refulgiu
Com mais intensidade na amplidão infinda!...

Pôrtó, 27—2—907.

António Ribeiro Seixas.

Por Ferrer e Nakens

Organizou-se nesta cidade uma generosa comissão de protesto «contra o despotismo espanhol tendo em vista que na vizinha nação a reacção clerical-autoritária mais uma vez tenta, inquisitorialmente, esmagar o Livre Pensamento e as mais sublimes aspirações humanas encarnadas nas pessoas de Ferrer, Nakens e seus cinco companheiros.»

A iniciativa já vem de lonje. Frederico Urales elucidou a maioria dos países civilizados sobre tão grande monstruosidade; a França, a Inglaterra, a América vibraram na mesma indignação, e, entre nós, o erudito publicista José Sampaio, (Bruno) e Leonardo Coimbra dirigiram-se também á mentalidade portuguesa solicitando apoio a um tão belo protesto de liberdade e, de justiça.

Recebemo-la, porém, com o imenso contentamento que em nós produzem todas as manifestações de solidariedade universal e consagramos-lhe toda a nossa alma.

Clamorosamente erguemos o brado duma revolta sentida e com firmeza nos dispomos ao lado de aqueles que, acima da Lei, colocam a sua consciência e a perfeita cordialidade de espiritos humanitários e bons.

Nakens o jornalista vigoroso, Ferrer o intemerato director da Escola Moderna de Barcelona, acusados, o primeiro como encobridor de Moral, o segundo como seu cúmplice, simbolizam a luta majestosa do pensamento livre e honesto contra a vileza do preconceito e do jesuitismo inquisidor.

A eles, portanto, unamos a mais lídima das nossas esperanças e com eles caminhemos, cheios de amor e resolutamente convencidos de que nos espera um futuro livre e grandioso em que não haja nem os horrores do autoritarismo nem as infâmias do domínio ignorante.

Caminhemos todos, alastremos por toda aimensidão do espaço a

chama das nossas aspirações e lutemos persistentemente enquanto em nós dure essa força sublime que do velho mundo fará brotar um mundo novo juncado de liberdade e fecundado de justiça.

Na reunião de protesto promovida pela referida comissão e que deve realizar-se no próximo domingo, a «Nova Silva» far-se-há representar por um de seus directores—Leonardo Coimbra.

TIPO DOS CAFÉS



DO «CENTRAL»

MISERÁVEL

Não insultes, canalha, a flor do lupanar
Que passa pela rua, olhando-te nervosa,
Deixando ver a perna e a saia côr de rosa
Que líbricos desejos hão-de provocar,

Porque ela já foi virjem, meiga e sedutora,
Foi como tua mãe, foi como tua irmã!
Já teve nos seus lábios o sorriso da aurora,
No seu olhar fulgente o brilho da manhã.

Nasceu como nasceste, e quando era criança,
O seu corpinho branco em vez de repouso
Num leito de setim, rodeado de bonança,
Num catre miserável ia descansar!

Cresceu. Desenvolveu-se e tu gostaste dela.
Fizeste acreditar no teu sincero amor.
Essa florinha azul, essa gentil donzela,
Criada na pobreza e rica de pudor.

Quando pensava já que nunca a deixarias
Cedeu aos teus desejos, sórdido bandido!
E que fizeste tu? Passados alguns dias
Essa infeliz deixastes por ter concebido!

Expulsa então de casa, foi de porta em porta
Pedir à vizinhança abrigo e protecção
Esta negou-lhe tudo! e ela quasi morta,
Perdeu por algum tempo a tímida razão.

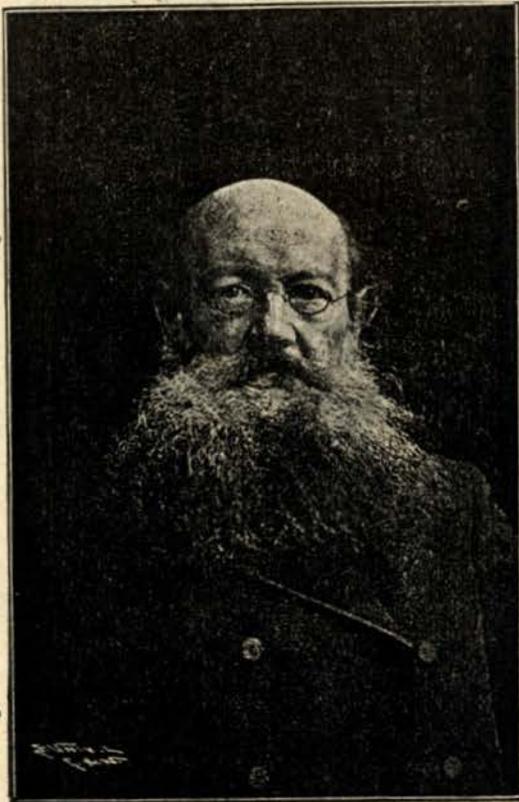
E assim, tendo esgotado, aos poucos, a cicuta
Que tu lhe tinhas dado por doirada taça,
A virjem que te amava, fez-se prostituta,
Deixou a vida honesta pela da desgraça.

Repara miserável no teu negro crime,
No resultado vil da tua malvadez!
E vós, pais que a expulsastes, no desdém sublime
Com que ela vos castiga a enorme estupidez.

Pôrto, 1907.

Daniel Ferreira da Silva.

Vulgarização doutrinária



Palavras dum rebelde

E vós, mulheres do povo!

Enquanto acariciais a linda
cabeça dessa creatura que dorme
em vossos braços, nunca pensas-
tes na sorte que a espera se não
mudarem as presentes condições
sociais? Nunca reflectistes no fu-
turo reservado a vossos irmãos e
a vossos filhos?

Quereis que estes vejetem
como vejetaram nossos pais, sem
outra ocupação que a de procurar
o pão de cada dia sem outro pra-
zer que o da taberna?

Desejais que vosso marido e
vossos filhos estejam sempre á
mercê do primeiro adventício que
tenha herdado de seus pais um
capital com que possa explorá-los?

Consentireis que continuem
sendo sempre escravos de um se-

nhor e matéria pronta para servir de adubo aos prados dos ricos exploradores? Não, nunca!!

Bem sei que vos tem fervido o sangue ao ouvir que vosso marido, depois de ter entrado em uma *grève* cheio de decisão e entusiasmo, acabou por aceitar, com o chapéu na mão, as condições ditadas pelo orgulhoso burguês num tom altamente desprezador. Sei que admirais essas mulheres espanholas, que num levantamento popular, apresentaram o peito ás baionetas dos soldados nas primeiras filas da insurreição.

Estou certo que lembrais com veneração o nome da mulher que atravessou com uma bala o peito daquele celerado que se atreveu a ultrajar um prisioneiro anarquista na sua cela e estou persuadido que o coração vos pulsa com mais violência ao ler como, debaixo dum chuveiro de balas, se reúniam as mulheres de Paris para animar os homens, incitando-os a actos de heroísmo.

Repito que nenhuma espécie de dúvida tenho sobre tudo isto e estou convencido que acabareis por vos reúnirdes aos que trabalham pela conquista do futuro.

Cada um de vós, pois, moços honrados, homens e mulheres, trabalhadores do campo e das fábricas, artistas e soldados, compreenderá quais são os seus direitos e virá conosco trabalhar com seus irmãos na preparação dessa revolução que, varrendo todos os vestígios da escravatura, destruindo prisões e cadeias e rompendo com velhas e gastas tradições, abra a todo o género humano um novo e imenso horizonte de feliz existência, estabelecendo finalmente a verdadeira liberdade, igualdade e fraternidade na sociedade humana.

Não se diga que, sendo um grupo relativamente insignificante, somos demasiado débeis para conseguir o magnífico fim a que

aspiramos: contai e vêde quantos somos os que sofremos esta injustiça.

Nós os trabalhadores do campo, que trabalhamos para os outros e mascamos a palha, enquanto nossos donos comem o trigo: somos milhões de homens: somos tão numerosos que formamos a grande massa do povo.

Nós os operários das fábricas que tecemos sedas para nos cobrirmos de farrapos, também somos uma grande multidão, e, quando o ruído da fabrica nos deixa um momento de repouso, inundamos as ruas e as praças como o mar nas grandes marés do verão.

Ah! todos juntos, os que sofremos e somos diariamente insultados, formamos tal multidão que ninguém a pode conter; somos o oceano que tudo abraça e tudo invade.

Basta-nos querer que se faça a justiça e todos os tiranos da terra morderão o pó.

Basta-nos querer, para que a revolução social acabe com todas as infâmias e todos os privilégios.

P. Kropotkine.



BIBLIOGRAFIA

Recebemos um livro de versos do snr. Augusto Casemiro, subordinado ao título — *Para a Vida*. Duas palavras desprezenciosas e sinceras. A tentativa de Augusto Casemiro é simpática e prometedora. O primeiro soneto é de con-

ceito elevado e de forma harmoniosa.

Nêste momento humano de mercantilismo utilitário é de receber amorosamente toda a alma que, elevando-se acima do meio, procure a beleza pura da poésia. A poésia pela emoção é um elemento superior de progresso e conhecimento. Augusto Casemiro tem por vezes emoção, o que é bastante para lhe dar possibilidades artísticas. Eduque-se, discipline-se, viva na esfera espiritual da arte reveladora e será um belo poeta. Muito lhe falta para o ser, mas muito é já mostrar que pode sê-lo.

Estes dois injênunos versos.

Não sei, não sei. Mas sinto vagamente
Revelações em tudo quanto existe,

são duma espontaneidade admirável, duma religiosidade profundamente visionária.

A pájinas vinte e duas vemos quatro harmoniosas quadras dum sincretismo panteista soberbamente espiritualizado.

Montes despidos, nus, ás ventanias,
Gosto de os ver, eu gosto de os olhar,
Todos gelados pelas noites frias
Dentro dum pranto que andam a chorar...

Negras torrentes a rolar no abismo,
Raivas uivando trájicas loucuras,
Nervosas convulsões de cataclismo,
Talhando a terra em trájicas posturas;

O autor precipitou-se; talvez numa compreensível ânsia de publicidade, e daí a irregularidade flagrante da obra, que é cheia de mediocridades banais ao lado de verdadeiras concepções artísticas. Por vezes ergue-se á Arte; mas, voltando á vida quotidiana material, escreve no proposito de fazer um livro e é inferior, trivial e constranjido.

Veste-se de poeta sem estar inundado de emoção; daí poésia sem beleza.

Tem versos mudos, sem vida,

inertes como soldados de chumbo.

A pájinas vinte e cinco:

Da matéria subtil que, ajindo, anseia,

Pájinas vinte e sete:

Que os vulcões urram num furor insano.

Pájinas vinte e oito:

Ansia de titan que talvez vã seja,

E não é a forma coisa desprezível em Arte. A ciência que traduz aspectos contingentes e acidentais do Universo usa símbolos de valor meramente convencional.

Á Arte que tenta a visão intrínseca da vida não são indiferentes os símbolos representativos.

Pela combinação harmoniosa dos aspectos sensuais fragmentários das coisas realiza a emoção, o éxtasis, fórmula suprema do conhecimento humano.

Leonardo Coimbra.

TIPO DAS RUAS



O «Luizinho»

VÁRIA

A nossa imprensa

A propósito da local com este mesmo título inserta no número anterior da nossa revista, referiu a *Voz Pública*:

«Por alturas da fatídica décima-terceira página rompe certa prosa, arrumada sob o título «A nossa imprensa». Há um intuito de sinceridade no escrito. Ele não ressalva no entanto involuntários erros.

Nem o jornalismo é — e de nós arredamos quinhão no encômio — o ferro-velho da mentalidade, nem mente a sua missão. Quem não raramente passa indiferente aos esforços de reforma e avanço do periódico é o público.

Quanto a sanidade não vamos até reclamar a barrêla. Tam sómente a selecção. E o autor do artigo conhece quam sangrento esforço se requiere de quem aluga o cérebro para produzir numa febre e numa azáfama.

Teríamos mesmo a afoiteza de avançar que dentre o jornalismo mundial este, do burgo, é por certo o mais geralmente honesto. As suas abnegações cumpre conhecê-las de dentro para aquilatar-lhes proporções».

Com sincero júbilo acataríamos a expressão — involuntários erros — se porventura ela se coadunasse com o que sobre imprensa pensamos e pensamos.

Não se coaduna. E não se coaduna porque sabemos bem nítidamente que se o comentador a quem ora nos dirigimos, pode reivindicar para si toda a consideração que reclama não encontrará abuntes colegas que possam e tenham o direito de, igualmente, se impor.

Que o jornalismo não seja o ferro velho da mentalidade já nós o admitimos quando escrevemos... não principalmente porque, na sua maioria não seja inteli-jente...

Que nem mente a sua missão é ponto em que não concordamos. Não lhe pesarão grandes escândalos, grandes indignidades.

Mas o que não sofrerá contradição é que o «artificio e a fantasia» são na maioria da nossa imprensa mais poderosos que a verdade e a justiça. Defende-se e serve-se um amigo, única e simplesmente, porque é amigo. Ataca-se e enlameia-se um inimigo, única e simplesmente porque é inimigo. A imprensa opina sobre o que não vê, reclama o que não conhece, atenua ou fortalece o seu ataque, conforme o visado é duma ou doutra classe.

«Quem não raramente passa indiferente aos esforços de reforma e avanço do periódico é o público?»

¿ Que poderá isso estranhar?
¿ Não haverá razão suficiente para abandonar um pouco quem, devendo educar-nos bem, se serve da nossa injenuidade para nos enganar? E não nos venha ninguém dizer que a imprensa nos não engana. A experiência é fácil. Todos a podem fazer. Observe-se um acontecimento de qualquer ordem. Vejam-se nêsse mesmo dia ou no dia seguinte os órgãos da imprensa. ¿ Que dizem? — cada um narra a seu modo. Se foi acontecimento político — é bom ou mau conforme a tonalidade do redactor. Se foi acontecimento cénico — é bom ou mau conforme a simpatia do autor e do actor. Se foi acontecimento um tanto romântico e um tanto trágico — inventam-se pormenores, inventam-se fisionomias, dão se *clichés* sem funcionamento da detectiva e na prosa bárbara insufla-se simultaneamente o charlatanismo e a exploração. Apenas uma concordância existe em todas as fôlhas da mesma localidade — é no que diz respeito a passageiros casos das ruas e dos hospitais.

É assim porque todas essas notícias se vão beber na mesma fonte. Brada-se contra a polícia, contra a sua moralidade, contra a sua limpeza, mas pede-se-lhe aússi-

lio e com esse auxílio se alimenta a curiosidade pública.

Não haverá decerto maior coerência.

«Quanto a sanidade não vamos até reclamar a barrela. Tam sómente a selecção».

¿ E que mais vem a ser essa selecção que uma barrela em que se expurgue o que é mau e se aproveite o que é bom?

Apresenta ainda o nosso commentador a fadiga cerebral, a abnegação e a honestidade do jornalista português como argumentos de defesa.

Para que não haja razões de susceptibilidade conformamo-nos com a fadiga, a abnegação e honestidade do nosso jornalista, mas não reconhecemos que tais circunstâncias a justifiquem.

Nunca há razão para menosprezar a verdade e a justiça.



O sr. Barbosa Gama, director duma prisão portuense, mal sofrendo a doutrina da nossa revista, sequestrou aos seus reclusos todos os exemplares que lhes enviámos.

O largo gesto de tamanha illustração, não passará ao cáos da sua glória, sem que o registemos sob a vergasta inclemente da nossa justiça.

E' sempre doloroso termos de verificar entre o monturo social, destas tam degradantes regressões atávicas, mas constitue um ensinamento e um ensinamento poderoso o saber-se que elas existem. Porque, então, o nosso ataque será mais duro, irá mais fundo, tenderá mais a desfazer esses instin-

tos selvajens que dum homem fazem um tirano e um déspota.

O sr. Barbosa Gama irritou-se com a nossa revista. ¿Porque a não discute? E se dela diverje em ideias, porque não faz triunfar as suas?

Seria mais educativo e daria provas de mais bom-senso.



Dum vianense:

Devolvo esta revista porque é ímpia e me ofende gravemente, todas as vezes que zomba ou insulta a religião católica a que tenho a honra de pertencer.



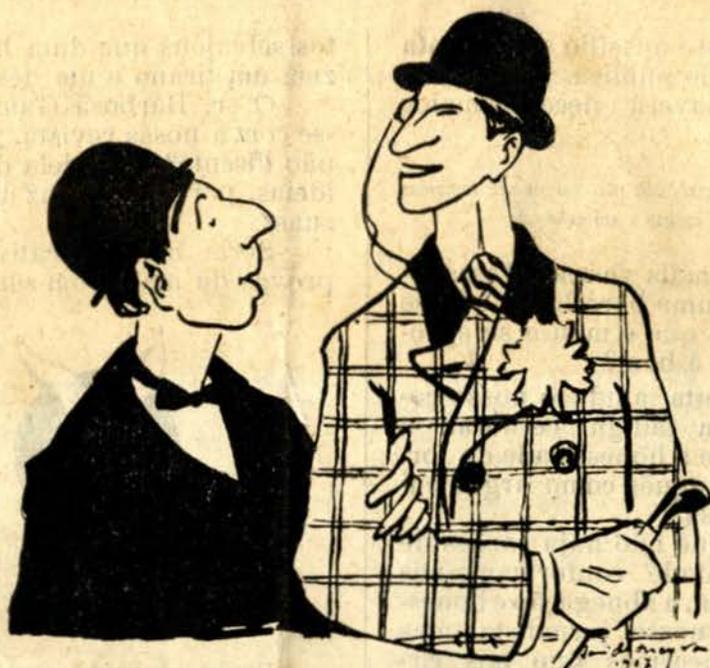
DECLARAÇÃO

Quem subscreve estas linhas declara ter deixado de pertencer á direcção da «Nova Silva», sendo já absolutamente estranho á confeição do número 2.

O meu agradecimento áquelles que por meu intermédio concorreram para a fundação da Revista.

Pôrto, 17 de fevereiro de 1907.

Cláudio Basto.



— Quem é o teu alfaiâte?
 — Cala-te que ele vem aí.

Colaboração

Aceitamos toda a colaboração inédita que nos seja enviada.

Reservamo-nos, porém, o direito de a inserir ou não, conforme o julgarmos.



Série de 8 números..... 200 rs.

Avulso..... 30 rs.

(Pagamento adiantado)

Expediente

Todas as reclamações devem vir acompanhadas do número da assinatura.

— Aos Snrs. assinantes lembramos a necessidade de satisfazerem o pagamento das suas assinaturas.



ANÚNCIOS

Página..... 2\$000 rs.

Fracções — proporcionalmente.